

A PRESENÇA FEMININA EM UMA PUBLICAÇÃO PERIÓDICA LITERÁRIA E ILUSTRADA PORTUGUESA: A MADRUGADA (1894-1896)

Francisco das Neves Alves
<https://orcid.org/0000-0001-5130-4256>

Isabel Maria da Cruz Lousada
<https://orcid.org/0000-0002-7652-8544>

RESUMO: Ao final do século XIX, a imprensa portuguesa passava por uma etapa de expansão quantitativa e qualitativa. Além do aprimoramento da qualidade textual e gráfica, tal jornalismo caracterizava-se por uma crescente diversificação e especialização. Nesse contexto, surgiu espaço para o desenvolvimento de periódicos literários e ilustrados que contaram com significativa recepção do público leitor. Um deles foi *A Madrugada*, que circulou entre 1894 e 1896, e cujo maior intento era a divulgação da produção intelectual luso-brasileira para os dois lados do Oceano Atlântico. A partir de tais páginas impressas formou-se uma verdadeira rede de inter-relações entre a intelectualidade brasileira e a portuguesa e, em tal meio, houve uma significativa presença feminina, objeto de estudo deste trabalho.

PALAVRAS-CHAVE: imprensa literária-ilustrada, intelectualidade, *A Madrugada*, presença feminina

THE FEMALE PRESENCE IN A PORTUGUESE LITERARY AND ILLUSTRATED PERIODIC PUBLICATION: A MADRUGADA (1894-1896)

ABSTRACT: At the end of the 19th century, the Portuguese press was going through a period of quantitative and qualitative expansion. In addition to the improvement of textual and graphic quality, such journalism was characterized by increasing diversification and specialization. In this context, space arose for the development of literary and illustrated periodicals that had a significant reception from the reading public. One of them was *A Madrugada*, which circulated between 1894 and 1896, and whose main intention was to disseminate Luso-Brazilian intellectual production to both sides of the Atlantic Ocean. From these printed pages, a true network of interrelations between the Brazilian and Portuguese intellectuals was formed and, in this environment, there was a significant female presence, which is the object of study in this work.

KEYWORDS: Literary-illustrated press, intellectuality, *A Madrugada*, female presence

LA PRESENCIA FEMENINA EN UNA PUBLICACIÓN PERIÓDICA LITERARIA E ILUSTRADA PORTUGUESA: A MADRUGADA (1894-1896)

RESUMEN: A finales del siglo XIX, la prensa portuguesa atravesaba un período de expansión cuantitativa y cualitativa. Además de la mejora de la calidad textual y gráfica, dicho periodismo se caracterizaba por una creciente diversificación y especialización. En este contexto, surgió espacio para el desarrollo de publicaciones periódicas literarias e ilustradas que tuvieron una significativa acogida por parte del público lector. Una de ellas fue *A Madrugada*, que circuló entre 1894 y 1896, y cuya principal intención era difundir la producción intelectual luso-brasileña a ambos lados



del oceano Atlántico. A partir de estas páginas impresas, se formó una verdadera red de interrelaciones entre la intelectualidad brasileña y portuguesa y, en ese ambiente, hubo una significativa presencia femenina, que es objeto de estudio en este trabajo.

PALABRAS CLAVE: Prensa literaria-ilustrada, intelectualidad, A Madrugada, presença feminina

No final do século XIX, as inter-relações luso-brasileiras passaram por mudanças drásticas, variando entre tendências de ruptura e de conciliação. A mudança na forma de governo do Brasil iria trazer certo estremecimento entre os dois países, notadamente a partir do crescimento de um movimento xenófobo e radical no contexto brasileiro, que encontrou nos portugueses um de seus principais alvos de oposição. A cedência de asilo a rebeldes brasileiros em naus lusitanas presentes no Rio de Janeiro aprofundou ainda mais a crise, chegando ao rompimento diplomático brasileiro-lusitano que se estendeu entre os anos de 1894 e 1895. A partir de então, passou a se estabelecer um novo processo voltado à reconciliação, o qual ficou demarcado pelo reatamento das relações diplomáticas e teria a sua culminância com as comemorações do quarto centenário do descobrimento do Brasil. Tal disposição voltada à reaproximação teve na participação da intelectualidade uma força bastante ativa, de modo que o intercâmbio cultural, significativamente recorrente ao longo do tempo, passou por um recrudescimento ainda maior, com o aprofundamento de um projeto integracionista, para o qual a imprensa periódica desempenhou relevante papel.

Os decênios derradeiros dos Oitocentos corresponderam a uma etapa de expansão do jornalismo português. Nessa linha, a nação lusa não deixou de contar com um periodismo significativamente desenvolvido em patamares que envolveram alcances e limites, progressos e defasagens, escassez de recursos e aprimoramentos gráficos e editoriais, que a colocariam em condições de apresentar jornais compatíveis com o desenvolvimento da imprensa em termos mundiais. De acordo com tal perspectiva, o jornalismo lusitano evoluiria calcado em modelos externos, mas não deixando de também apresentar determinadas peculiaridades em relação à realidade de outras nações. Essa característica advinha da existência de padrões “de comunicação intermutáveis entre os diferentes países ou áreas geográficas”, levando em conta os momentos em que foi verificado “algum progresso significativo, tanto no terreno da liberdade de expressão como em nível da técnica, da difusão ou de outras

questões especificamente jornalísticas”. Assim, “a especificidade de cada país ou área cultural ou linguística” viria também a estabelecer “algumas diferenças significativas na evolução da história do jornalismo desses países ou áreas”, a partir de “traços comuns, certamente com ‘empréstimos’ de um país a outro, mas com uma especificidade intrínseca” em cada um deles (QUINTERO, 1996, p. 11).

Nesse sentido, o jornalismo luso, após as agitações bélicas e revolucionárias das primeiras décadas do século XIX, iria se afirmar constantemente e, notadamente a partir da segunda metade de tal centúria, passaria por uma de suas etapas de maior progresso. Desse modo, a imprensa aparecia como “a representação tangível do raio de uma instituição revolucionária nos domínios da inteligência, a qual viria concitar a atenção de todas as curiosidades e atrair e seduzir as penas de todos os escritores”. Além disso, “com o rodar dos anos”, ela se converteria “num instrumento novo de primacial importância no intercâmbio e na reciprocidade das relações do espírito, como nas de trato ou interesse meramente utilitário” (CUNHA, 1942, p. 23). Assim, durante os Oitocentos, os jornais tiveram “um desenvolvimento assombroso”, de maneira que “política, ciência, artes, questões sociais, tudo” eles invadiram, “tornando-se um dos veículos mais poderosos do progresso mundial” (REMÉDIOS, 1930, p. 545). A relevância dos periódicos vinha ao encontro da premissa pela qual “o jornal não matava a fome do leitor, porque a mantinha acesa para o número seguinte”, além disso, “a sua duração não era como a dos livros”, ou seja, “repousada, longa e sábia”, e sim existia “à desfilada, de dia para dia, aos saltos de povo para povo, de continente para continente, sem possibilidade de envelhecer”, e, apesar das intempéries, escapando “às guerras, às pestes e aos sismos”, e mantendo sua força viva junto à comunidade na qual circulava (MANSO, 1942, p. 10).

De acordo com tal tendência de avanços, a imprensa portuguesa teria nos últimos decênios do século XIX uma etapa de vigor e expansão quantitativa e qualitativa. Ocorreria então um “movimento extraordinário” e um “desenvolvimento maravilhoso” no seio do periodismo lusitano e, apesar da população ser mais reduzida, se comparada a outras nações, e de Portugal ficar “atrás de muitos países no que se referia a vários outros elementos do progresso da civilização europeia”, no que tange às atividades jornalísticas, poderia ser colocado “ao nível das nações mais civilizadas da Europa” (ARANHA, 1900. p. 5 e 47). Havia então “uma verdadeira febre de jornais”, pelos quais estavam “representados não só os grupos políticos” em que



aparecia dividida a sociedade portuguesa, “do mais conservador, ao mais avançado e radical, mas também os principais ramos da ciência, da literatura e da indústria”, dos quais “em quase todas as cidades”, havia “uma representação de destaque” (ARANHA, 1894, p. 12-13).

Os avanços do jornalismo luso nas décadas finais do século XIX foram além da própria expansão quantitativa, havendo também melhoramentos qualitativos, expressos tanto no aprimoramento tecnológico da impressão, como também através da qualidade gráfica das páginas impressas. Os progressos se davam também no campo editorial e redatorial, ainda mais a partir do refinamento cultural dos escritores públicos, com a constante participação de representantes da intelectualidade em meio às lides jornalísticas. Nesse contexto, muitos dos “grandes nomes” das letras e do pensamento lusitano colaboraram “assiduamente na imprensa periódica”, fazendo com “que o nível geral do jornalismo” subisse “consideravelmente e os periódicos, além de melhor apresentação gráfica”, fossem “redigidos corretamente e num estilo cada vez mais individualizado” (TENGARRINHA, 1989, p. 160). Constituíam-se, assim, uma “nova fase da imprensa” que passou a contar “com a participação nos jornais dos mais prestigiados intelectuais portugueses”, ao contrário do que acontecera nas etapas iniciais de tal periodismo (RODRÍGUEZ, 1996, p. 360). Era uma época em que escrever em periódicos constituía “uma ocupação reservada quer a literatos, quer a políticos, que entendiam os jornais e as revistas como espaços públicos de opinião”, de maneira que, “escrever nos jornais era uma forma de afirmação de uma autoridade, um modo de publicar ideias, de divulgar obras”, ou ainda, “de defender ideologias, de travar polêmicas diversas, enfim, de participar ativamente na construção da esfera pública” (PEIXINHO, 2010, p. 427).

Além disso, desde a segunda metade dos Oitocentos e mais acentuadamente nos decênios finais da centúria, se daria o predomínio de uma nova fase organizacional, com significativa mudança no sentido editorial da imprensa portuguesa. Passava então a predominar “uma imprensa consideravelmente imbuída pela notícia em oposição à anterior hegemonia da imprensa de opinião”, de modo que a informação viria a constituir “a principal preocupação e objetivo”, dando-se “a gênese da imprensa contemporânea”, a qual transportava “de imediato à polêmica sobre o conteúdo da informação, à sua verdade ou à sua manipulação” (ALVES, 2005, p. 164). Dava-se, assim, uma inversão entre “o antigo jornalismo” o qual foi “um agente de

propaganda, uma arma de combate” e “o novo jornalismo” que se tornou, “ao mesmo tempo, uma indústria com importantes capitais empregados e o uso de meios mecânicos consideráveis” (CUNHA, 1898, p. 7).

Dessa maneira, ficavam estabelecidas no país “as condições propícias à transformação industrial da imprensa”, por meio de um periodismo “predominantemente *noticioso*”, o qual se opunha à imprensa dominada pela “*opinião*”, em um contexto no qual “estava lançada a trave mestra do jornalismo contemporâneo”, que tinha a informação como a sua maior meta. Tal mudança devia-se à “necessidade de encontrar um público mais largo” que fazia com que o periódico procurasse “manter uma atitude imparcialmente objetiva, dirigindo-se assim *a todos* e não a um grupo de leitores ideologicamente afim”, que, por sua vez, seria “necessariamente muito mais restrito”. De acordo com tal perspectiva, o que “interessava era vender o mais possível, sacrificando tudo a isso”, de modo que a publicação também passava a constituir “uma *mercadoria*”, embora fosse um produto “essencialmente transitório, apenas com valor durante algumas horas”. Ainda assim, mesmo aquele jornal que se afirmasse “exclusivamente noticioso”, também poderia ter “uma posição mais ou menos visível”, com a qual o leitor poderia ou não concordar, de forma que, “embora surgindo, cada vez em maior número e com maior projeção”, periódicos “exclusiva e preponderantemente noticiosos, continuavam a aparecer importantes jornais de opinião”, ou ainda, “simultaneamente de informação e opinião”. Nesse sentido, “ao lado dos jornais puramente noticiosos, continuavam a existir, ou até a aumentar em número e importância, os de caráter político e as publicações de todas as espécies” (TENGARRINHA, 1989, p. 213, 215, 219-220, 222 e 231), acentuando-se uma especialização das atividades jornalísticas (ALVES, 2017, v. 1, p. 61-66).

Em tal contexto, as publicações ilustradas caíram no gosto do público, ainda mais nas derradeiras décadas do século XIX. A presença de periódicos ilustrados também servia como um dos fatores para demonstrar os avanços do periodismo luso em relação a outros países com atividades jornalísticas amplamente desenvolvidas. Além disso, “a ilustração não só embelezava o texto, tornando-o mais atrativo, mas também ajudava à sua compreensão, identificando melhor o leitor com o fato descrito”. Tal perspectiva “tornou-se sobretudo mais evidente com a larga divulgação dos ‘jornais populares’”, destinados a um “público mais amplo”, uma vez que, “reconhecia-



se que a imprensa muito ilustrada de caráter popular permitia mais facilmente transmitir mensagem” até para os “menos letrados que tinham dificuldades de leitura ou mesmo eram analfabetos” (TENGARRINHA, 2013, p. 865-866).

Em muitos casos, a imprensa ilustrada encontrava-se associada à literatura, dando ênfase aos propósitos de expansão da cultura, difusão da leitura e divulgação de criações literárias. Muitos escritores, desde os iniciantes até os mais renomados, encontravam na imprensa ilustrada-literária um elemento propulsor de sua obra. No seio de tal gênero jornalístico esteve *A Madrugada*, a qual promoveu por meio do texto e da gravura uma busca constante do mútuo conhecimento entre as realidades culturais existentes nas conjunturas lusa e brasileira. Essa folha literária e ilustrada circulou entre outubro de 1894 e dezembro de 1896, contando com quatro páginas e o tamanho de 46 centímetros (RAFAEL & SANTOS, 2002, v. 2, p. 82) e suas páginas serviram em larga escala ao projeto de integração brasileiro-lusitano, ao promover um intenso intercâmbio cultural em meio ao qual houve o protagonismo de representantes da intelectualidade de cada um dos países.

A fundação e direção de *A Madruga* couberam ao escritor luso-brasileiro Oscar Leal (1862-1910), que nasceu no Brasil, mas, de família portuguesa, foi criado na Ilha da Madeira, onde teve a sua formação escolar inicial. A complementação de seus estudos e a formação acadêmica foram realizadas no eixo Rio de Janeiro – Lisboa, vindo a tornar-se dentista. A prática de uma odontologia itinerante permitiu-lhe exercer uma de suas vocações voltada às viagens, promovendo excursões que abrangeram vários países sul-americanos, o continente africano e a Europa centro-ocidental. O Brasil foi o local por onde mais viajou, mormente pelo interior do país, com preferência pelas regiões centro-oeste e norte. Desde cedo buscou lançar-se no caminho das letras, vindo a publicar vários livros, muitos deles vinculados à literatura de viagem, além da escritura de contos, crônicas e poemas. Como literato e estudioso, Leal conseguiria angariar certa notoriedade intelectual, tanto que pertenceu a várias instituições culturais e científicas luso-brasileiras e de outros países (BLAKE, 1900, v. 6, p. 339-340; LEAL, 1904, p. 1; PEREIRA & RODRIGUES, 1909, p. 98; e SILVA, 1894, p. 131).

Em torno de sua atuação, Oscar Leal tentou organizar um projeto de vida, com o qual angariasse o máximo possível de contatos intelectuais, daí ter organizado uma verdadeira rede de inter-relações com outros escritores, notadamente no circuito

Brasil-Portugal, utilizando-se significativamente da imprensa para a realização de tal intento. Odontólogo, naturalista, contista, cronista, poeta, periodista, conferencista, Leal buscou dar um caráter múltiplo em sua ação profissional/intelectual. A essas atribuições intentou realizar outra, a de editor jornalístico. Não é para menos que ao longo de suas tantas jornadas pelo Brasil e em Portugal manteve várias propostas de edição de periódicos. Nesse sentido, fundou e dirigiu o *Dentista*, publicado em Goiás e Uberaba; a *Tesoura*, na Bahia; o *Bragantino*, no Pará; o *Boêmio*, em São Paulo; o *Correio dos Clubes* e o *Popular*, no Rio de Janeiro; a *Antessala*, em Lisboa; o *Viajante*, em Corumbá; e o *Tributo às Letras*, em Cuiabá. Fixando-se definitivamente em Lisboa, ele editou *A Madrugada*, e a *Revista de Lisboa*, entre 1901 e 1908. Assim, ao lado dos tantos livros que publicou e das inúmeras colaborações na imprensa que redigiu, Oscar Leal dedicou-se à organização de jornais, que, como os próprios títulos indicavam, relacionavam-se com suas predileções e com seus projetos de vida, tais como a profissão de dentista, os prazeres da vida noturna, a literatura e a vocação para viajante.

A folha literária e ilustrada apresentava em seu frontispício o dístico “Revista noticiosa, crítica, literária, biográfica e bibliográfica”, revelando a proposta bastante ampla de seu norte editorial. O periódico anunciava que sua redação seria “composta dos melhores escritores portugueses”. Sua proposta de circulação era mensal, mas houve várias interrupções na sua edição, de modo que foi publicado um total de quatorze números, referentes a outubro, novembro e dezembro de 1894; em janeiro de 1895 houve uma falha na edição, que prosseguiu em fevereiro do mesmo ano, ocorrendo nova interrupção em abril, retornando em maio e junho de 1895, ocorrendo outra interrupção em julho, para retomar em agosto, setembro, outubro e dezembro de 1895, com mais uma falha em novembro de tal ano. O último ano de edição foi o mais irregular, havendo publicações apenas nos meses de janeiro, março, setembro e dezembro de 1896, com interrupções em fevereiro, abril, maio, junho, julho, agosto, outubro e novembro do mesmo ano.

Buscando ampliar ao máximo a distribuição no quadro brasileiro, a empresa anunciava que contava com “colaboradores-correspondentes no Brasil”, os quais se espalhavam pelas diversas regiões, norte, sul, sudeste, centro-oeste e nordeste, estendendo-se até mesmo ao Peru, não por acaso demarcando lugares que contaram com a presença de Oscar Leal durante suas tantas excursões. Nessa linha, os



“colaboradores-correspondentes” se localizavam em Mato Grosso, Rio Grande do Sul, São Paulo, Goiás, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Pernambuco, Ceará, Maranhão, Pará e Iquitos (A MADRUGADA. Lisboa, 28 out. 1894, a. 1, série 1, n. 1, p. 1). Um outro país sul-americano viria a somar-se a tal listagem, com mais um “colaborador-correspondente” em Buenos Aires (A MADRUGADA. Lisboa, 18 nov. 1894, a. 1, série 1, n. 2, p. 1). Tais interfaces permitiam amplo intercâmbio, o que ficava demarcado a partir de aviso segundo o qual “números desta folha” poderiam ser “encontrados à venda a 400 réis o exemplar”, nas seguintes localidades: Manaus, Pará, Maranhão, Ceará, Pernambuco, Maceió, Bahia, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul e Uberaba (A MADRUGADA. Lisboa, 28 out. 1894, a. 1, série 1, n. 1, p. 4).

Além da informação do cabeçalho sobre a redação da *Madrugada* ser composta “dos melhores escritores portugueses”, que permaneceu ao longo de todos os números, a partir da edição de setembro de 1896, no “Expediente”, aparecia: “Redatores e colaboradores – D. Guiomar Torresão, Aluizio de Azevedo, Júlio Brandão, Diogo Soromenho, Fialho de Almeida, Luiz Guimarães Filho, Heliodoro Salgado, Guerra Junqueiro, Teixeira Bastos, Gomes Leal, etc.”. Mas o rol de escritores presentes nas páginas de *A Madrugada* foi bem mais amplo, de modo que, através de seus quatorze números, foram editados extratos ou colaboraram nomes menos ou mais conhecidos e/ou notáveis, em meio ao mundo intelectual brasileiro-lusitano. Na apresentação da publicação literária e ilustrada, seu diretor se referia ao fato de ter aceitado uma “árdua missão”, apesar dos “dissabores” que dela poderiam advir. Anunciava que iria mais uma vez adentrar a “cultura das letras”, ingressando novamente nesse “grande meio”, em referência às suas iniciativas anteriores na edição de jornais. Dizia acreditar em uma boa recepção, saudava a liberdade de imprensa e justificativa o título da folha, como uma alusão ao horário preferencial dos escritores para se dedicarem à sua faina, durante a “madrugada” (A MADRUGADA. Lisboa, 28 out. 1894, a. 1, série 1, n. 1, p. 1).

Lembrando tópicos de um discurso predominante em meio à imprensa portuguesa de então, voltado à proximidade entre os dois países pelos fundamentos históricos, tradicionais e culturais, Leal se referia à “ocasião em que, escritores distintos dos dois países estão empenhados em estreitar as relações literárias entre povos unidos pela identidade de sangue, tradições e língua”. Procurando promover um mútuo conhecimento a respeito das manifestações literárias de parte a parte, A

Madrugada divulgava o trabalho de escritores portugueses, para que seu conhecimento fosse reforçado no Brasil, mas também pretendia que, em Portugal, onde seriam “completamente desconhecidos muitos dos bons poetas e prosadores brasileiros” viessem a ser apresentados “alguns aos leitores portugueses” (A MADRUGADA. Lisboa, 27 jun. 1895, a. 2, série 2, p. 1). O diretor da folha ressaltava ainda que ela tinha por intento tratar “por todos os meios de vulgarizar e tornar conhecidos cá e lá os homens e as coisas dos dois países”, em clara referência ao projeto de reintegração luso-brasileira pelo prisma cultural (A MADRUGADA. Lisboa, out. 1895, a. 2, série 3, p. 1).

Por ocasião da passagem do primeiro ano de existência da folha, foi publicado o editorial “O nosso aniversário”, no qual Oscar Leal se dizia “animado a progredir” naquela “ádua tarefa”, mormente a partir do “acolhimento lisonjeiro” que a revista estaria a receber. Segundo o diretor, aquele projeto editorial não seria movido pela “ vaidade” e sim pela intenção de “popularizar” os literatos e suas obras. Leal buscava garantir a continuidade daquele empreendimento jornalístico, prosseguindo na sustentação de suas “aspirações e ideais”, bem como prometia uma batalha incansável contra aqueles “que profanam e bastardeiam o jornalismo” (A MADRUGADA. Lisboa, out. 1895, a. 2, série 3, p. 1). Ao debater temas em torno da Literatura Brasileira, Leal demarcava o pouco espaço que a produção literária do Brasil poderia contar na conjuntura portuguesa, perspectiva que vinha plenamente ao encontro da proposta editorial do periódico por ele dirigido (A MADRUGADA. Lisboa, 4 ago. 1895, a. 2, série 2, p. 1).

Ao lado de tais atividades de cunho jornalístico e mesmo concatenadas com elas, Oscar Leal intentou estabelecer uma intensa rede de inter-relações com escritores brasileiros, incluindo entre eles literatos, jornalistas, historiadores, geógrafos e naturalistas, não é para menos que pertenceu a várias instituições que congregavam homens de letras e estudiosos. Nessa linha, ele vinha ao encontro “da estratégia de grupos literários” voltada a “conferir legitimidade entre si, destacando-se a autocultuação e a atitude cordial entre seus membros”, com a “formação de uma espécie de rede de mútuo apoio aos escritores que gravitam em torno” de entidades ou da redação de periódicos. Ocorria então a “legitimação das atividades literárias de determinados autores, por meio das relações estabelecidas entre os grupos de letrados, de modo a favorecer o seu reconhecimento como escritores” (PÓVOAS,



2017, p. 130). Tal processo vinha ao encontro da “existência de uma comunidade cultural que envolvia brasileiros e portugueses no final do século XIX” (PAREDES, 2012, p. 161), em quadro pelo qual Leal buscou sempre evidenciar tais conexões e a fundação de *A Madrugada* foi um dos pontos altos desse projeto.

Apesar de toda uma propalada receptividade e de um suposto acolhimento do público leitor divulgados pelo seu diretor, nem mesmo as campanhas promocionais e a redução no valor das assinaturas foram suficientes para a manutenção da folha. As constantes falhas e interrupções na circulação já davam indícios dos tantos obstáculos que se antepunham à boa sobrevivência da empresa, levando ao inevitável desaparecimento de *A Madrugada* em dezembro de 1896, pouco mais de dois anos depois de sua inauguração. Ainda assim, a revista atingiu uma de suas metas precípuas relacionada com a construção de uma rede de relações culturais em meio à imprensa, tanto que sua presença foi noticiada por vários representantes não só do jornalismo português, como do brasileiro de quase todos os estados.

No seio da rede de intelectuais estabelecida por Leal por meio de *A Madrugada* houve a predominância de escritores, mas também apareceram representantes da escrita feminina. Tal presença feminina teve inserções diferenciadas nas páginas do periódico, aparecendo colaborações em prosa e verso e artigos contendo dados biográficos, além de representações iconográficas, trazendo retratos das intelectuais. Bem de acordo com a proposta da folha ilustrada e literária, as autoras em destaque foram portuguesas e brasileiras, com a presença de dez nomes. As lusas foram Guiomar Torresão, Cláudia de Campos, Angelina Vidal, Maria Amália Vaz de Carvalho, Albertina Paraíso e Alice Moderno (francesa naturalizada). Já as brasileiras presentes nas páginas da publicação foram Thargélia Barreto, Revocata Heloísa de Melo, Julieta de Melo Monteiro e Francisca Clotilde.

Entre tais presenças femininas a escritora Guiomar Torresão teve um protagonismo nas edições de *A Madrugada*. Guiomar Delfina de Noronha Torresão (1844-1898) atuou como jornalista, poetisa, ficcionista, ensaísta, cronista, tradutora, dramaturga e editora. Colaborou com diversos periódicos, como *Ribaltas e gambiarras*, *Diário Ilustrado*, *Diário de Notícias*, *Artes e Letras*, *Ilustração Portuguesa*, *O mundo elegante*, *Lisboa creche*, *A leitura*, *O liberal do Pará* e *Almanaque de lembranças luso-brasileiro*. Em 1871 fundou o *Almanaque das senhoras*, editando-o até 1898. Em termos de produção bibliográfica, publicou *Uma alma de mulher*, *Rosas*

pálidas, A família albergaria, Meteoros, O fraco da baronesa, A comédia do amor, No teatro e na sala, Idílio à inglesa, Paris – impressões de viagem, As batalhas da vida, Educação moderna, Flávia e A grande velocidade (CRUZ & MACEDO, 2022, p. 127-128).

Torresão participou do corpo efetivo de colaboradores da publicação, de modo que a redação felicitava os leitores pela “brilhante aquisição” da “distinta escritora” que acedera “amavelmente ao convite”, dignando a “oferecer-se para colaborar na *Madrugada*” (A MADRUGADA. Lisboa, 28 out. 1894, a. 1, série 1, n. 1, p. 3). Também apresentou em duas partes o texto “A França Literária”, afirmando que sobre a mesma “pesa, mais talvez do que em nenhuma outra” uma “crise mórbida, que me enche de infinita tristeza do irreparável”, tecendo comparações entre a geração de 1830 e a contemporânea e dissertando sobre alguns trabalhos mais recentes (A MADRUGADA. Lisboa, 13 fev. 1895, a. 2, série 1, n. 4, p. 1; e 8 maio 1895, a. 2, série 2, p. 1). Na crônica “João de Deus”, ela descrevia o seu único encontro pessoal com o escritor português cujo nome dava título à matéria (A MADRUGADA. Lisboa, 27 jun. 1895, a. 2, série 2, p. 3). A partir do texto intitulado “Lord Byron”, Guiomar Torresão comparava o trabalho deste poeta britânico ao do francês Alfred Musset, considerando que a obra de Byron “pertence ao número daquelas que não morrem nunca, a despeito das sucessivas evoluções do gosto e dos variados aspectos que a moda vai imprimindo à arte” (A MADRUGADA. Lisboa, 9 ago. 1895, a. 2, série 2, p. 3). Foi publicado ainda um artigo em homenagem à escritora lusa, acompanhado da estampa de seu retrato, sendo ela apontada como “um nome conhecido em Portugal e Brasil, como um dos talentos mais brilhantes do moderno mundo literário”, tendo no “vasto campo da literatura afirmado a pujança da sua inteligência, de um modo sempre notável” (A MADRUGADA. Lisboa, dez. 1896, a. 3, série 4, p. 1-2).



Cláudia de Campos foi outra escritora portuguesa que marcou presença nas páginas de *A Madrugada*. Maria Cláudia de Campos Matos (1859-1916) colaborou com diversos periódicos e almanaques, atuou como tradutora e pertenceu a várias entidades cívicas. Publicou os livros *Rindo*, *Último amor*, *Mulheres: ensaio de psicologia feminina*, *Ele e Baronesa de Stael e o Duque de Palmela* (LOUSADA & PATRÍCIO, 2022, p. 105-107). O periódico literário e ilustrado publicou o artigo denominado “Das mulheres”, no qual Cláudia de Campos expressava a sua visão quanto aos avanços no que tange ao papel social feminino, ao defender que “arte, sentimento e elegância” constituíam fatores que confeririam ao elemento feminino “uma superioridade mil vezes preferível aos mais brilhantes discursos” e “aos mais bem calculados golpes de Estado”. Segundo ela, “a emancipação da mulher” não deveria limitar-se “apenas a usurpar o lugar dos homens”, e sim valorizar “os dotes mais delicados e grandiosos” que faltavam aos homens, propondo que “o campo de ação” e “o ideal” feminino deveria ser outro (A MADRUGADA. Lisboa, 18 nov. 1894, a. 1, n. 2, série 1, p. 3). À intelectual lusa também foi rendida homenagem com retrato na primeira página e texto panegírico, trazendo informações sobre sua carreira literária, referindo-se à sua “obra notável, que muito honra a distinta autora” (A MADRUGADA. Lisboa, 4 ago. 1895, a. 2, série 2, p. 1-2).



A lusitana Angelina Vital também se fez presente como colaboradora nas edições da folha literária portuguesa. Angelina Casimira do Carmo e Silva (1853-1917) foi escritora, jornalista, tradutora, professora, contista, cronista, poetisa e dramaturga, publicando obras em Portugal, no Brasil, na Espanha e em Angola. Teve ampla participação no movimento republicano luso, apresentando vários escritos com temática política, colaborando com diversos periódicos, além de atuar como correspondente do jornal brasileiro *A Época*. Seus contos que não chegaram a constituir um livro caracterizaram-se por séries denominadas *Contos de cristal*, *Contos negros* e *Contos vermelhos*. Ela apresentou um soneto sem título, no qual praticava a crítica social e de costumes, ao apontar como grandes malefícios à sociedade a infâmia e a injúria, consideradas como verdadeira “peste” e como “arma repelente, envolta sempre em lama” (A MADRUGADA. Lisboa, 18 nov. 1894, a. 1, n. 2, série 1, p. 4).

A *Madrugada* contou ainda com a colaboração da poetisa portuguesa Maria Amália Vaz de Carvalho (1847-1921), autora de obra que envolveu o conto, a crônica, a poesia, a epistolografia, a biografia, a crítica literária e o ensaio. Colaborou com vários jornais portugueses e brasileiros, tendo dedicado significativa parte de seus escritos ao tema da educação feminina. Dentre seus livros figuram *Contos e fantasias*,



Mulheres crianças: notas sobre educação, Cartas à Luísa, Às nossas filhas e A vida do Duque de Palmela D. Pedro de Sousa e Holstein (MARTINI, 2022, p. 163-164). A participação no periódico lisbonense deu-se por meio do poema “A andorinha”, que aborda temáticas bucólicas, concentrando-se nas viagens e percepções da ave, definida como uma “filha da luz e da aurora” (A MADRUGADA. Lisboa, 27 dez. 1894, a. 1, n. 3, p. 3).

A autora lusa Albertina Paraíso também esteve dentre as colaboradoras de *A Madrugada*. Albertina de Souza Paraíso (1864-1954) estudou pintora e, além de escritora, foi professora, tendo ainda ampla atuação em meio ao periodismo, como a fundar e dirigir o *Almanaque das senhoras portuguesas e brasileiras*, o *Almanaque das Senhoras Portuenses*, a revista *Alma feminina* e o *Jornal da mulher*. Foi propugnadora do ideal da emancipação feminina e produziu grande quantidade de escritos para as publicações que organizou e outros representantes da imprensa (ABREU & ESTEVES, 2005, p. 35-37). A sua presença em *A Madrugada* ocorreu a partir da inserção de breve poema sem título que versava sobre uma temática muito afeita aos portugueses, vinculada à presença do mar, relacionando a gigantesca imensidão do oceano com as dimensões que acreditava compor a alma humana (A MADRUGADA. Lisboa, 4 ago. 1895, a. 2, série 2, p. 2).

Igualmente esteve a escritora Alice Moderno entre as colaboradas de *A Madrugada*. Alice Augusta Pereira de Melo Maulaz Moniz Moderno (1867-1946) foi poetisa, professora, jornalista e tradutora, além de ter sido ativista pela emancipação feminina e pelo ideário republicano. Colaborou com vários jornais, dirigiu o *Recreio das salas* e o *Diário dos Açores*, bem como fundou *A Folha*. Dentre suas publicações podem ser citadas: *Aspirações* em 1886, *Trilos* de 1888 ou o romance, *O Dr. Luís Sandoval*, em 1892 (ESTEVES, 2005, p. 43-45). Sob o título “Velando...”, ela apresentou em *A Madrugada* versos cuja eclética abordagem mesclava temas diversificados como “a vastidão do mar profundo”, as “mágoas deste mundo”, os “arroubos ideais da fantasia” e o “ar de primavera” (A MADRUGADA. Lisboa, dez. 1896, a. 3, série 4, p. 3).

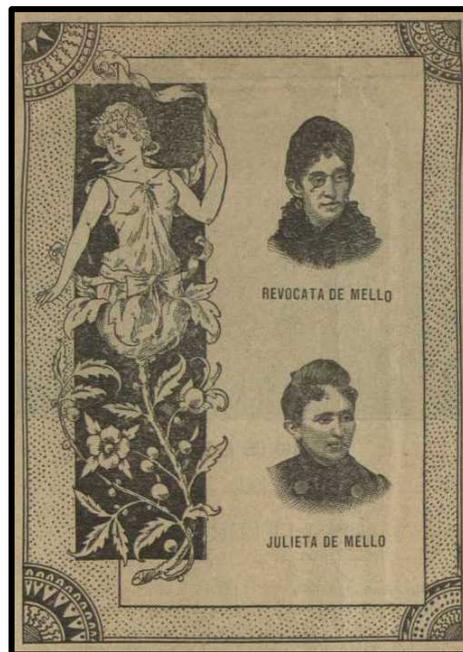
Dentre as brasileiras que colaboraram em *A Madrugada* esteve Thargélia Barreto. A poetisa e compositora pernambucana Thargélia Barreto de Meneses (1879-1909) publicou versos nas páginas de vários periódicos, como os poemas apresentados no *Diário de Pernambuco*, quando contava com apenas quatorze anos,

fez parte da equipe de redação do periódico *A Gazetinha* e levou suas poesias ao *Almanaque Literário de Pernambuco* e ao *Jornal de Domingo*, além de ter fundado junto aos irmãos o Grêmio Literário Tobias Barreto e publicou o livro *Poesias* (SCHUMAHER & BRAZIL, 2000, p. 512; e COELHO, 2002, p. 624). Para a folha literária portuguesa, a escritora trouxe um soneto bucolista sem título, envolvendo o luar, as estrelas, as árvores, as nuvens, tudo servindo como cenário para o protagonismo do mar, associado à noite e às mágoas da vida (A MADRUGADA. Lisboa, 8 maio 1895, a. 2, série 2, p. 3).

Outra escritora do Brasil que esteve entre as colaboradoras da publicação ilustrada e literária lisbonense foi F. Clotilde. A cearense Francisca Clotilde Bezerra Lima (1862-1932) foi poetisa, dramaturga, romancista, contista, educadora e abolicionista, colaborou junto à imprensa periódica e publicou *Coleção de contos*, *Noções de aritmética*, *A divorciada*, *Fabiola*, *A filha de Herodes*, *Santa Clotilde*, e *Pelo Ceará*, assim como editou no Ceará a revista *A Estrela*, fundou um externato e integrou uma sociedade abolicionista composta exclusivamente por mulheres (FLORES, 1999, p. 128; SCHUMAHER & BRAZIL, 2000, p. 241-242; e COELHO, 2002, p. 216-217). Em *A Madruga da*, Clotilde apresentou a crônica “Diálogos”, voltada à crítica de costumes, na qual apontava para a “ilusão mentirosa” da fama, do luxo e das frivolidades, indicando que os maiores valores deveriam estar vinculados ao afeto entre as pessoas (A MADRUGADA. Lisboa, 18 set. 1895, a. 2, série 2, p. 3).

Já as sul-brasileiras irmãs Melo foram apresentadas com dados biográficos e retratos no periódico literário português. Revocata Heloísa de Melo (1853-1944) foi uma poetisa, jornalista, dramaturga, professora, tradutora, conferencista e abolicionista sul-rio-grandense, que colaborou com vários periódicos brasileiros e editou a mais longeva publicação feminina brasileira *O Corimbo* (1883-1944), além de publicar o livro *Folhas errantes*. A escritora gaúcha Julieta de Melo Monteiro (1855-1928) foi professora, jornalista, contista, poetisa e teatróloga, atuando ainda como colaborada em diversas publicações periódicas brasileiras, além de editar um dos primeiros representantes da imprensa feminina sul-rio-grandense, *A Violeta* (1878-1879), bem como atuou na redação do *Corimbo* e publicou os livros *Prelúdios*, *Oscilantes*, *Alma e coração* e a obra póstuma *Terra sáfara*. Juntas, ambas publicaram os livros *Coração de mãe* e *Berilos*, assim como fundaram uma sociedade abolicionista e tiveram participação relevante na entidade assistencialista Clube

Beneficente de Senhoras (FLORES, 1999, p. 334-335 e 350-351; SCHUMAHER & BRAZIL, 2000, p. 308 e 477-478; e COELHO, 2002, p. 314 e 564-565). A redação de *A Madrugada* referia-se a elas como “duas distintas literatas brasileiras”, sendo Revocata apresentada como “uma senhora distintíssima, que muito tem trabalhado para a elevação do nível intelectual da mulher no Brasil” e Julieta, como “uma distinta poetisa e digna da mesma simpatia” da irmã, além da referência de que possuía “a vantagem de reunir aos seus belos dotes uma inteligência superior” (A MADRUGADA. Lisboa, mar. 1896, a. 3, série 3, p. 1).



Dessa maneira, *A Madrugada* contribuiu com uma reaproximação no campo literário entre o Brasil e Portugal, no projeto de reconciliação das relações, estremecidas desde 1889. Também teve um papel importante nas interfaces culturais luso-brasileiras, uma vez que era distribuída em ambos os países, levando a um conhecimento mútuo de escritores das duas nacionalidades. Sua significativa tiragem e o forte intercâmbio, sendo distribuída em Portugal e na maioria dos estados brasileiros, possibilitou também a propagação da cultura literária e da ação de literatos no âmbito brasileiro-lusitano. Assim, *A Madrugada* não deixou de também representar uma ponte que estreitou as interações literárias dos dois lados do Oceano Atlântico, dando amplo espaço para os denominados «homens de letras», sem deixar de lado a presença de algumas «mulheres de letras» que viriam a ocupar lugar bastante mais

relevante, adiante, perante o resgate de que foram alvo na contemporaneidade, por muita(o)s historiadora(e)s em busca da presença de autoria feminina.

Referências bibliográficas

ALVES, Francisco das Neves. *Visões espelhadas d'além-mar: a primeira década da República Brasileira sob o prisma da imprensa portuguesa*. Rio Grande: Editora da FURG, 2017. v. 2.

ALVES, José Augusto dos Santos. *O poder da comunicação*. Cruz Quebrada: Casa das Letras, 2005.

ARANHA, Pedro W. de Brito. *Rapport de la Section Portugaise – 1er. Congrès International de la Presse (1894 – Anvers)*. Lisboa: Imprimerie Universelle, 1894. p. 12-13.

ARANHA, Pedro W. de Brito. *Mouvement de la presse périodique em Portugal de 1894 a 1899*. Lisboa: Imprimerie Nationale, 1900.

BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento. *Dicionário bibliográfico brasileiro*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1899, v. 5 1900, v. 6.

CRUZ, Eduardo da & MACEDO, Bianca Gomes Borges. Guiomar Torresão. In: CRUZ, Eduardo da & CASTRO, Andreia (orgs.). *Ao raiar da Aurora: antologia de narrativas breves de escritoras portuguesas oitocentistas*. São Paulo: LiberArs, 2022, v. 1, p. 127-128.

COELHO, Nelly Novaes. *Dicionário crítico de escritoras brasileiras*. São Paulo: Escrituras, 2002.

CUNHA, Alfredo da. *La presse périodique en Portugal: bref mémoire présenté au cinquième congrès international de la presse à Lisbonne*. Lisboa: Imprimerie Universelle, 1898.

CUNHA, Alfredo da. *Periódicos e relações, periodistas e noticiaristas*. Lisboa: Otosgráfica Ltda., 1942.

FLORES, Ilda Agnes Hübner. *Dicionário de mulheres*. Porto Alegre: Nova Dimensão, 1999.

LEAL, Oscar. *Dentistas e “dentistas” – crítica (de luva calçada) ao folheto de Francisco Ortiz O Dentista Moderno*. Lisboa: Livraria Editora da Viúva Tavares Cardoso, 1904.

LOUSADA, Isabel & PATRÍCIO, Sandra. Cláudia de Campos. In: CRUZ, Eduardo da & CASTRO, Andreia (orgs.). *Ao raiar da Aurora: antologia de narrativas breves de escritoras portuguesas oitocentistas*. São Paulo: LiberArs, 2022, v. 1, p. 105-107.



MANSO, Joaquim. *O jornalismo*. Lisboa: Ottosgráfica Ltda., 1942.

MARTINI, Elisabeth. Maria Amália Vaz de Carvalho. In: CRUZ, Eduardo da & CASTRO, Andreia (orgs.). *Ao raiar da Aurora: antologia de narrativas breves de escritoras portuguesas oitocentistas*. São Paulo: LiberArs, 2022, v. 1, p. 163-164.

PAREDES, Marçal de Menezes. A assunção escalar da nação: historicidade e fronteiras culturais no percurso luso-brasileiro. In: PAREDES, Marçal de Menezes (org.). *Portugal, Brasil, África: história, identidades e fronteiras*. São Leopoldo: Oikos, 2012.

PEIXINHO, Ana Teresa. Escritores e jornalistas: um estudo de caso. In: RIBEIRO, Maria Manuela Tavares (coord.). *Outros combates pela História*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2010. p. 423-436.

PEREIRA, Esteves & RODRIGUES, Guilherme. *Portugal – dicionário histórico, corográfico, biográfico, bibliográfico, heráldico, numismático e artístico*. Lisboa: João Romano Torres & Cia. Editores, 1909. v. 4.

PÓVOAS, Mauro Nicola. *Uma história da Literatura*. Porto Alegre: Buqui, 2017.

QUINTERO, Alejandro Pizarroso. O estudo da história da imprensa. In: QUINTERO, Alejandro Pizarroso (coord.). *História da imprensa*. Lisboa: Planeta Editora, 1996. p. 1-12.

RAFAEL, Gina Guedes & SANTOS, Manoela. *Jornais e revistas portuguesas do século XIX*. Lisboa: Biblioteca Nacional, 2002, v. 2

REMÉDIOS, Mendes dos. *História da literatura portuguesa*. 6.ed. Coimbra: Atlântida, 1930.

RODRÍGUEZ, Alberto Pena. História do jornalismo português. In: QUINTERO, Alejandro Pizarroso (coord.). *História da imprensa*. Lisboa: Planeta Editora, 1996. p. 351-396.

SCHUMAHER, Schuma & BRAZIL, Érico Vital (orgs.). *Dicionário de mulheres do Brasil*. 2.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

SILVA, Inocêncio Francisco da. *Dicionário bibliográfico português*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1894, t. 17.

TENGARRINHA, José M. *História da imprensa periódica portuguesa*. 2.ed. Lisboa: Editorial Caminho, 1989.

TENGARRINHA, José. *Nova história da imprensa portuguesa (das origens a 1865)*. Lisboa: Círculo de Leitores, 2013.

ABREU, Ilda Soares & ESTEVES, João. Albertina de Sousa Paraíso. In: CASTRO, Zília Osório de & ESTEVES, João (dir.). *Dicionário no feminino (séculos XIX e XX)*. Lisboa: Livros Horizonte, 2005. p. 35-37.

ESTEVES, João. Alice Augusta Pereira de Melo Maulaz Moniz Moderno. In: CASTRO, Zília Osório de & ESTEVES, João (dir.). *Dicionário no feminino (séculos XIX e XX)*. Lisboa: Livros Horizonte, 2005.

Submetido em 01/07/24.

Aprovado em 22/07/24.